

DELIO CANTIMORI E O IDEALISMO ATUALISTA: REFLEXÕES SOBRE ESTADO, POLÍTICA E HISTÓRIA (1924-1940)

Dr. Felipe Araujo Xavier

Universidade Federal de Juiz de Fora

felipearaujoxavier@yahoo.com.br

Texto recebido em/Text submitted on: 28/09/2016

Texto aprovado em/Text Approved on: 20/12/2016

Resumo:

Esse artigo tem como objetivo apresentar o processo de formação idealista do jovem Delio Cantimori. Dessa maneira, abordo seu ingresso e os contatos realizados dentro do ambiente universitário de Pisa, quando frequentou a *Univeristà di Pisa* e a *Scuola Normale Superiore*, ressaltando seus diálogos com colegas como Fausto Meli, Aldo Capitini, Claudio Baglietto, Varese e Raghianti e os professores Giovanni Gentile e Giuseppe Saitta – ambos expoentes do idealismo atualista e defensores dos ideais fascistas –, os quais tiveram influência na trajetória intelectual e política do jovem Delio Cantimori, em especial na sua adesão ao Partido Nacional Fascista, nas suas reflexões sobre o Estado e nos estudos históricos dos hereges italianos do *Cinquecento* inseridos no tradicional debate historiográfico italiano sobre a relação entre Humanismo, Renascimento e a formação da consciência nacional do povo italiano.

Palavras-chave: *Delio Cantimori; Giovanni Gentile; Giuseppe Saitta; Idealismo atualista.*

Abstract

This paper aims to approach the process of the idealist formation of the young Delio Cantimori. In this way, I approach his inclusion and the contacts realized into the academic environment of Pisa, when he began to attend the *Università di Pisa* and the *Scuola Normale Superiore*, highlighting dialogues with colleagues such as Fausto Meli, Aldo Capitini, Claudio Baglietto, Varese e Raghianti and the teachers Giovanni Gentile and Giuseppe Saitta – both exponents of the actual idealism and supporters of fascist ideals – who had influence in the intellectual and political trajectory of the young Delio Cantimori, especially in his adherence to the National Fascist Party, in his reflections about the State and in his historical studies about the Italian heretics from *Cinquecento*, inserted into the traditional Italian historiographical debate on the relationship between Humanism, Renaissance and the formation of the national conscience of the Italian people.

Keywords: *Delio Cantimori; Giovanni Gentile; Giuseppe Saitta; Actual Idealism.*

1. Introdução

Após o fatal acidente em sua biblioteca, em 1966, iniciou-se um significativo trabalho de resgate da memória e da trajetória intelectual e política de Delio Cantimori, avaliando sua ligação com o republicanismo de Giuseppe Mazzini, o idealismo atualista gentiliano, o Partido Nacional Fascista, suas reflexões sobre o nacional-socialismo, a

aproximação ao marxismo e sua guinada para o comunismo, além dos seus trabalhos sobre os hereges do *Cinquecento*, Humanismo, Renascimento e Reforma e o minucioso exercício metodológico de estudioso de história e historiografia.

Em 1967, diversos textos foram publicados sobre Cantimori. A *Rivista Storica Italiana*¹ lançou uma edição homenageando o intelectual, com estudos de temas cantimorianos, a revista *Belfagor*² publicou reminiscências de colegas de profissão de Cantimori, e, no ano seguinte, um volume dos *Annali della Scuola Normale Superiore* foi dedicado ao ex-professor da instituição.³

Além desses preitos, sob a responsabilidade de Francesco C. Rossi – respaldado pelo consenso da esposa de Cantimori, Emma Mezzomonti –, foram publicadas as cartas de Delio Cantimori, escritas entre 1960 e 1964, para a revista *Itinerari*, nas quais o intelectual debateu e refletiu sobre questões voltadas para o método historiográfico, a organização da cultura e a produção intelectual daquele contexto.

Entretanto, em meio ao calor do momento, ocorreu uma operação histórica e historiográfica, com o intuito de atenuar o passado político fascista de Cantimori. Muitos documentos e escritos do intelectual italiano foram queimados por sua esposa e outros, apropriados por ex-alunos que trabalhavam na catalogação e organização do arquivo de Delio Cantimori, então doado à *Scuola Normale*.

A razão principal da intervenção historiográfica ficou clara quando nos deparamos com a censura ao verbete de Domenico Caccamo – que seria publicado no *Dizionario Biografico degli Italiani* –, devido à ênfase dada à relação duradoura entre Cantimori e Giovanni Gentile, a quem se manteve leal até anos antes da sua morte, e à cautela dedicada à sua inflexão do fascismo para o comunismo⁴ (CACCAMO, 2001, p. 87).

¹Participaram dessa edição com textos de temáticas cantimorianas Roland Bainton, Carlo Dionisotti, Antonio Rotondò, Luigi Firpo, Arnaldo Momigliano, Franco Venturi, Carlo Ginzburg, entre outros, seguidos pela bibliografia levantada por Leandro Perini e J. A. Tedeschi e por dois importantes textos de Werner Kaegi, *Ricordo di Delio Cantimori*, e Marino Berengo, *La ricerca storica di Delio Cantimori*. Cf. *Rivista Storica Italiana*. Edizioni scientifiche italiane, Napoli, 1967.

²Foram publicadas reminiscências de intelectuais como Giuseppe Dessì, Ernesto Sestan, Myron P. Gilmore, Sergio Bertelli e Felix Gilbert e, meses depois, o texto *Ritratti critici di contemporanei. Delio Cantimori*, do colega Eugenio Garin. Cf. *Belfagor*. Firenze: Casa editrice Leo S. Olschki, Firenze, 1967.

³Participaram dele Carlo Dionisotti, E. Garin, Ernesto Sestan, seguidos por Leandro Perini, Salvatore Caponetto e L. Szcucki. Cf. *Annali della Scuola Normale Superiore*. Industrie grafiche V. Lischi & Figli, Pisa 1968.

⁴Como afirmou Domenico Caccamo, em seu texto *Profilo di Delio Cantimori*, publicado na revista *Nuova Storia Contemporanea*: “Esse texto foi escrito em meados da década de 70 para o XVIII volume do *Dizionario Biografico degli italiani* publicado pelo Instituto da Enciclopédia Italiana. A direção da obra não considerou apropriado publicá-lo, seja pela atenção reservada pelo autor à passagem de Cantimori ao comunismo, seja por que ele enfatizava demais a ligação afetiva, também cultural, que uniu Cantimori a Gentile até o assassinato deste último. O publicamos hoje aqui como documento de um clima cultural”.

Segundo Perfetti, no que se refere aos estudos sobre Cantimori, o empenho interpretativo de abrandar o polêmico passado do intelectual seguiu dois caminhos: o primeiro buscou aceitar certas influências, em detrimento de outras, vendo “as obras como uma pesquisa ininterrupta e coerente de uma metodologia historiográfica original”, que não demonstrasse débito com a formação idealista de Gentile, sendo quase um exercício destinado à adesão ao materialismo histórico, como cânone interpretativo “sempre presente na alma do estudioso”; o segundo apresentou-se como um exercício de máxima retroação de sua ruptura com o idealismo, ligando-a à crise do Estado Corporativista ético do início dos anos 30, quando a tese de Ugo Spirito, sobre “corporação proprietária” foi acusada de comunista, para libertá-lo, o mais rápido possível, de seu passado idealista e fascista. (PERFETTI, 2009, p. VIII)

Dentro da primeira “via de interpretação”, destacar-se-ia a biografia intelectual *Delio Cantimori: la ricerca di una nuova critica storiografica* (1970), do ex-aluno Giovanni Miccoli, um dos mais importantes estudiosos da carreira de Cantimori, que esteve entre os responsáveis pelo trabalho de levantamento dos seus cursos e seminários e pela publicação desses, junto a uma vasta bibliografia.⁵

Na segunda linha, Perfetti inseriu o livro de Michele Ciliberto, *Intellettuali e fascismo. Saggio su Delio Cantimori* (1977), no qual o autor trabalhou a relação de Cantimori com questões como o Estado Ético Corporativo, a teoria política durante meados dos anos 30, o conceito de política, suas análises sobre o nazismo, a relação entre política e historiografia, entre outras temáticas.

No artigo *Dalla filosofia alla storiografia: gli inizi di Delio Cantimori*, publicado no livro *Sulla crise dell'attualismo. Della Volpe, Cantimori, De Ruggiero, Lombardo-Radice*, em 1981, os autores Sandro Barbera e Giuliano Campioni também seguiram a via de defesa de um precoce destaque cantimoriano em relação ao atualismo gentiliano, antecipando ainda mais esse evento para os anos de liceu. (CAMPIONI; BARBERA, 1981, p. 37-152.)

No desenrolar das reflexões, o debate historiográfico sobre Delio Cantimori foi revigorado e expandido no início da década de 1990. Após vinte e cinco anos da morte

⁵Giovanni Miccoli e Leandro Perini foram responsáveis pelo levantamento dos cursos e seminários apresentados por Delio Cantimori, durante sua carreira, primeiramente publicados na revista *Belfagor* [Firenze: Casa editrice Leo S. Olschki, 1967.]. Perini ainda trabalhou junto com John A. Tedeschi, no levantamento da bibliografia e dos escritos do intelectual italiano, originalmente publicado na *Rivista storica italiana* (1967). Ambos os trabalhos estão publicados como apêndice da obra de G. Miccoli. (MICCOLI, 1970, p. 339 - 412).

do intelectual italiano, Luisa Mongoni responsabilizou-se por compilar textos políticos e publicá-los no livro *Politica e storia contemporanea. Scritti 1927- 1943*, acompanhados por um acurado artigo introdutório sobre a trajetória intelectual e política cantimoriana, desde os anos do fascismo ao seu desligamento do PCI, o qual reabriu as discussões sobre a relação entre Cantimori, o idealismo atualista e as correntes políticas fascista, comunista e nacional-socialista.

Um ano depois, em 1992, Adriano Prosperi reeditou o livro *Eretici italiani del Cinquecento*, seguido por importantes textos também de autoria de Cantimori e por uma introdução sobre a trajetória política e, principalmente, intelectual do italiano e o processo de amadurecimento de sua forma de pensar a história e os hereges italianos do *Cinquecento*, juntamente, ao seu distanciamento da ideologia fascista.

As análises desses historiadores abriram uma nova leva de leituras da trajetória política e intelectual de Cantimori. Começando pela jornada de estudos sobre Cantimori, realizada pela *Fondazione Istituto Gramsci* e a revista *Studi Storici*, em junho de 1993, em comemoração à edição de *Politica e storia contemporanea* e dos *Eretici italiani del Cinquecento e altri scritti*.

Em contraposição à interpretação de Prosperi, em 1994, emergia as primeiras leituras de Paolo Simoncelli sobre Delio Cantimori, com sua obra, *Cantimori, Gentile e la Normale di Pisa*, na qual expôs uma análise mais aprofundada sobre a aproximação entre Cantimori e seu professor, Giovanni Gentile.

Passada uma década, após as comemorações dos cem anos do nascimento de Delio Cantimori, engrossavam-se as polêmicas sobre o passado político de Cantimori e os discursos se radicalizaram. A necessidade de se adentrar nos estudos do fascismo cantimoriano e da sua relação com a cultura política nacional-socialista ganhava força e voz entre segmentos da intelectualidade italiana.

Jornais estampavam acusações mais incisivas – apresentadas por Eugenio Di Rienzo, Dino Messina e Simoncelli – no *Corriere della Sera* (2005), as quais reivindicavam um rigor maior nas abordagens sobre o pensamento autoritário fascista de Cantimori e sua – possível – simpatia em relação ao nacional-socialismo e insinuavam a existência de uma blindagem do intelectual romagnolo promovida, inicialmente, por integrantes da esquerda e agora reforçada pelo seu ex-aluno, (D'ELIA, 2007, p. 10) Adriano Prosperi, o qual, no mesmo periódico, defendeu a inexistência de provas cabíveis para a asseveração da aproximação de Cantimori com o nacional-socialismo. (PROSPERI, 2005b)

Em 2007, a linha delatora publicou a obra *Delio Cantimori e la cultura politica tedesca (1927-1940)* de Nicola D'Elia e, no ano seguinte, *Cantimori e o libro mai edito. O movimento nazionalsocialista dal 1919 al 1933*, de Simoncelli, ambos ressaltando a admiração cantimoriana pela ideologia nacional-socialista. Logo em seguida, em 2009, uma coletânea de artigos foi organizada por E. Di Rienzo e F. Perfetti, *Delio Cantimori e la cultura politica del novecento*, na qual seus textos abordaram, principalmente, as temáticas referentes ao historicismo, o idealismo, o marxismo e a trajetória política do intelectual romagnolo.

Não obstante, distante dessas controvérsias político-historiográficas, as quais permearam os estudos da trajetória de Cantimori, e com uma rigorosidade empírica particular, ainda em 1997, Roberto Pertici publicou *Mazzinianesimo, fascismo, comunismo: l'itinerario politico di Delio Cantimori (1919-1943)*.

Nessa obra, Pertici apresentou o caminho político-intelectual cantimoriano, apontando para a especificidade da interpretação política de Delio Cantimori, que enxergara similaridades entre a ideologia fascista e o bolchevismo, – sem qualquer apelo simpático ao nacional-socialismo, como afirmou P. Simoncelli e N. D'Elia – pelo fato de combaterem o liberalismo e defenderem a imposição da moral nas relações econômicas. Segundo o autor, isso foi um fator importante para sua aproximação do Partido Comunista Italiano, ocorrida próximo ao ano de 1938.

Em consonância com a abordagem de Pertici, em 2005, Patricia Chiantera-Stutte lançou, *Res Nostra Agitur. Il pensiero di Delio Cantimori (1928-1937)*,⁶ seguido por um livro mais aprofundado, *Delio Cantimori. Un intellettuale del Novecento*, no qual a autora fez uma análise da trajetória intelectual de Cantimori, focando três pontos vitais que perpassaram o pensamento do estudioso italiano: sua atenção para a relação entre religiosidade e política; a busca da superação do hiato entre elite política e intelectual e o povo; e sua atenção para o estudo filológico e a educação como ética profissional. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 11-12)

Não obstante, tendo consciência de tamanha polêmica historiográfica suscitada pelas interpretações sobre o controverso passado político e intelectual de Delio Cantimori, esse artigo tem como objetivo abordar a formação idealista atualista cantimoriana,

⁶O trabalho de Chiantera-Stutte *Res Nostra Agitur. Il pensiero di Delio Cantimori (1928-1937)* teve como um dos avaliadores Roberto Pertici, deixando indícios diretos de confluências interpretativas sobre a trajetória cantimoriana. (CHIANTERA-STUTTE, 2005, p. 9)

retratando sua inserção no ambiente universitário de Pisa e seu contato com os professores Giovanni Gentile e Giuseppe Saitta, para ajudar a esclarecer melhor as bases ideológicas e teórico-metodológicas que permearam as reflexões políticas e os estudos históricos de Delio Cantimori, principalmente, durante sua juventude.

2. Os anos de Liceu Clássico, o ingresso na *Scuola Normale Superiore di Pisa* e a aproximação com o Partido Nacional Fascista.

No ambiente [de Ravenna], isto era claro e nítido, o filho de um republicano podia ser “fiumiano” e também ter amigos fascistas; deveria ser inscrito na “Vanguarda Republicana” e depois no partido. Se um pai republicano não forçasse o filho maior a seguir esse caminho, em tudo e para tudo, era um mau sinal. (CANTIMORI, 1965, p. 252)

Entre conflitos de gerações e influências paternas, Delio Cantimori seguiu sua fase de formação no Ensino Fundamental. Assim como Mussolini – disse W. Kaegi, em suas memórias –, Cantimori era natural da Romagna⁷, enquanto que

(...) em nenhum outro lugar na Itália as pessoas possuíam, tão profundamente, a elementar passionalidade revolucionária que tem no sangue desse velho domínio do Estado pontifício, negligenciado por séculos. (KAEGI, 1967, p. 886)

Ali, o jovem italiano cresceu em contato com e assistindo à violência das esquadras dos “camisas negras” e também teve amigos ligados aos republicanos antifascistas, como seu saudoso colega Dino Silvestroni, que morrera em combates contra as milícias de Balbo, em Ravenna, no ano de 1922. (CANTIMORI, 1965, p. 251)

Na adolescência, ainda dotado da típica ingenuidade ginásial, Delio Cantimori demonstrava afinidade com as ideias nacionalistas de G. D’Annunzio, defendendo a “questão de Fiume” entre seus colegas e considerando-a, segundo W. Kaegi, uma espécie de “nova encarnação daquele ideal de união de cultura, poesia, e ação política”. (KAEGI, 1967, p. 886)

Além de D’Annunzio, no curso do Ensino Médio Clássico, o jovem italiano começava a traçar ou reforçar seus contatos com alguns importantes autores que tomavam o cenário italiano, como Jacob Burckhardt, Voltaire, Michelet, Salvemini, Giuseppe Mazzini,

⁷A Romagna se encontra na Itália Setentrional e, atualmente, é formada, principalmente, pelas províncias de Ravenna, Rimini e Forlì-Cesena, compondo a região italiana Emilia-Romagna. Por sua vez, Cantimori foi natural Russi, uma pequena comunidade da Província de Ravenna.

lendo o semanal *Rivoluzione Liberale*, de Piero Gobetti,⁸ e livros como *Carlos V*, de W. Robertson,⁹ e *Discorsi di religione e Profeti del Risorgimento* de Gentile, entre outros.

Leituras consequentes de contatos com seus professores que, de alguma maneira, influenciaram os primeiros passos de sua carreira. Dentre eles, destacaram-se o latinista Cesare Bione, que foi um dos responsáveis por direcionar Delio Cantimori ao pleito de uma vaga na *Scuola Normale Superiore di Pisa*, e Galvano Della Volpe¹⁰ – crítico do idealismo atualista que tomava as cátedras italianas – que, em seus cursos, apresentou as ideias de G. Gentile, B. Croce, Hegel, Rodolfo Mondolfo¹¹, Marx e Giuseppe Saitta, (CANTIMORI, 1965, p. 253) e trabalhou, com seus alunos, questões como o “ato” gentiliano, as categorias de Kant e distinções de Croce. (OSTENC, 2009, p. 19)

Vindo de um ambiente familiar republicano, tendo um pai político republicano mazziniano, escritor e filósofo, e passando por leituras e aulas relacionadas às ideias tão complicadas, o adolescente colecionava informações de grande complexidade que deviam gerar uma grande confusão na mente juvenil de Cantimori. Entretanto, esse conhecimento provavelmente estimulou o estudante italiano a se aprofundar nos seus estudos sobre filosofia e literatura.

Em 1924, após o término do Ensino Médio Clássico, o estudante romagnolo entrou no curso História da Filosofia, na *Facoltà di Lettere e Filosofia* da *Università di Pisa*, e venceu o concurso para uma vaga na *Scuola Normale Superiore di Pisa*.

Naquele período, a *Scuola Normale* acabava de sofrer uma reforma movida pelo diretor Giovanni Gentile, através da qual foi introduzida uma nova geração de professores, fascistas e não fascistas, sempre imersos nas reflexões idealistas contrárias ao positivismo científico. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 19)

Nesse universo pisano, o jovem estudante se relacionou com professores como Giuseppe Tarantino, que lecionava filosofia moral, Armando Carlini¹², que trabalhava no

⁸Piero Gobetti (1901-1926) foi político, escritor e fundador do periódico *Energie Nuove* e do semanal *Rivoluzione Liberale*, inspirador do antifascismo de cunho liberal radical, enxergando o movimento fascista como sendo fruto dos maus históricos italianos.

⁹William Robertson (1721-1793) foi religioso e historiador escocês, decano da Universidade de Edimburgo.

¹⁰G. Della Volpe (1895-1968) foi professor de História da Filosofia em Messina junto com Delio Cantimori, em 1939. Seu pensamento esteve ligado ao marxismo, vendo no materialismo histórico o moderno findar do pensamento dogmático.

¹¹Rodolfo Mondolfo (1877-1976) foi um filósofo italiano perseguido pelas leis racistas do governo fascista, o qual desenvolveu estudos importantes sobre a filosofia grega, o pensamento renascentista e o marxismo.

¹²Carlini (1878-1959) foi professor de filosofia teórica na *Università di Pisa* (1922-48), onde se tornou reitor (1927-35). Desenvolveu seu pensamento no âmbito do Idealismo Atualista, direcionando-se para o espiritualismo teísta centralizado no conceito e no valor da pessoa humana.

campo da teoria, Valgimigli, Ussani e Mancini, que compunham o setor clássico, Attilio Momigliano, historiador e crítico literário crociano e dono da cátedra de literatura italiana, o professor de Literatura Alemã, Giovan Vittorio Amoretti, (MICOLLI, 1970, p. 17) o grande expoente do idealismo atualista, Giovanni Gentile, que, nesse período, lecionou História da Filosofia na *Scuola Normale*, e Guiseppe Saitta, professor titular da cátedra de filosofia na *Università di Pisa*.

Como enfatizou Chiantera-Stutte, não podemos alegar que, nesse período, a *Scuola Normale* era uma instituição ortodoxa completamente integrada ao fascismo, nem mesmo que os estudantes fossem o modelo do novo “homem fascista”. Não obstante, era uma instituição que gozava de relativa liberdade, dotada de um espaço relativamente aberto para discussões políticas e declarações, mais ou menos veladas, que se opunham ao regime. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 19.)

Nesse ambiente, Cantimori se tornou um grande amigo de Giovanni Gentile Junior, aluno do curso de física que o inseriu nos contatos com a família Gentile e a quem dedicou seu trabalho de conclusão de curso sobre Ulrico von Hutten.

Entre amizade e admiração, Cantimori foi próximo de Fausto Meli, o qual, após sua morte prematura, teve seu livro, *Spinoza e due antecedenti italiani dello spinozismo*, resenhado, em 1931, por Cantimori, que o classificou como “a melhor obra e mais característica que saiu nos últimos dez anos da *Scuola Normale*” (CANTIMORI, 1991, p. 131).

Importante texto no qual Cantimori se recordou do cansativo ambiente acadêmico da Escola Filosófica, permeado pelo tecnicismo com problemáticas vagas sobre a religiosidade e que impulsionou alunos – entre eles, Meli e o próprio Cantimori – à aproximação da escola de História da Filosofia de Giuseppe Saitta, onde, apesar da menor exigência técnica, se sentia a efervescência ideal, a paixão filosófica e ambição pela verdade, oferecendo uma orientação não meramente acadêmica que solucionavam os problemas espirituais dos jovens estudantes. (CANTIMORI, 1991, p. 131)

Cantimori também construiu uma forte relação de amizade com outros estudantes de filosofia, como Mario Manlio Rossi, filósofo de posição política rebelde com traços anarquistas, Aldo Capitini e Claudio Baglietto, pacifistas, religiosos e antifascistas.

Com Capitini, Cantimori teceu grandes discussões sobre o “sentido de religiosidade do espírito humano”, presente na relação entre política e ética. Nesse debate, ambos acreditavam ser necessário partir do impulso religioso dado por Mazzini para conceber

uma revolução político-social e também concordavam que a religiosidade seria contraposta à religião e à Igreja.

Entretanto, a partir de uma concepção historicista de base idealista, para Cantimori, a transcendência estava ligada à imanência e se fazia presente nas obras humanas e no amor pela história dos homens, em que a subjetividade era protagonista e cujo caráter ético residia na vida política. Já para Capitini, a transcendência se elevaria através dos sentidos de imanência e de espírito humano.

A partir das diferentes concepções de imanência, Capitini acreditava que, para elevar as massas, cada um deveria abrir sua fenda na organização social existente através da prece para alcançar a comunhão dos homens; já Cantimori acreditava, naquele contexto, que a história, sobretudo a história das nações e dos povos, deveria conduzir a uma renovação moral coletiva. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 24-26)

Diferentemente de seu amigo Capitini, o qual se recusou a se inscrever no Partido Nacional Fascista – mesmo se tornando secretário econômico da *Scuola Normale*, em 1930 – e fazia parte do movimento antifascista pisano, Cantimori optou por aderir aos preceitos políticos fascistas.

Uma vez Capitini me disse: “mas você não é fascista, diria que você se fez de fascista para ter liberdade de expressar as suas opiniões” – [opiniões] que então eram de um liberalismo cosmopolita e individualista, com tendências rebeldes e vagamente socialistas. Acreditava na *Paneuropa*, lia Malaparte, Conquista do Estado, porque recordava vagamente que Gobetti havia publicado um livro. Tinha recordações da leitura de *Revolução Liberal* feitas em Forlì, que não entendia. Havia permanecido na minha cabeça só uma série de escritos que interpretava o fascismo como luta entre pais e filhos – e por aversão do meu pai, havia flertado com colegas esquadristas, mas não entrei e não peguei a carteira em 1926,¹³ quando eles me convidaram dizendo que aceitava pessoas (...) de estudo como eu e que eles nos liberaram a passagem (...). (CHIANTERA-STUTTE, 2005, p 12-13)

Embora sua adesão talvez não tenha sido impulsionada pelo interesse em obter liberdade de expressão em meio ao contexto de constante policiamento e repressão, Delio Cantimori realmente se tornou um fascista anômalo de uma trajetória de experiên-

¹³Segundo seus escritos pessoais, Cantimori teria se inserido no Partido Fascista depois do ano de 1926, entretanto, ao aceitar o convite dos mesmos amigos esquadristas, pediu para que retrocedessem a data de sua adesão na carteira. (PROSPERI, 1992, p. XXII).

cias, contatos, leituras e reflexões que o levaram a uma concepção particular de ideal fascista em constante diálogo com reflexões em voga.

Segundo suas recordações, quando ainda jovem, o estudante romagnolo teria visto, na filosofia idealista, o ponto culminante da filosofia moderna, o qual daria ao fascismo o status de verdadeira revolução republicana sindical de Mazzini e Corridoni – algo que o *Risorgimento* não teria realizado –, devendo se tornar uma revolução europeia.¹⁴

Em 1934, Cantimori apresentou outras recordações das suas preferências políticas juvenis, as quais nasceram a partir do seu repúdio aos valores liberais. Segundo o intelectual italiano, no ano de 1924, quando ainda se preparava para o exame de seleção da *Scuola Normale* e influenciado pela atmosfera romagnola em que cresceu, sua concepção política era respingada por um “nacionalismo patriótico de propaganda bélica, de atitude de intervencionismo republicano” e ligada à aplicação dos “métodos do maquiavelismo vulgar” para a construção da “Politeia” platônica.¹⁵

Apesar do seu entusiasmo em relação àquela força irracional dos esquadristas, sendo homem das letras, teórico e desprovido de uma ação concretamente marcial, Cantimori não encontrava espaço para sua participação dentro daquele grupo político que admirava. Até o momento em que a própria feição do fascismo começou a tomar uma nova roupagem:

Assim, após dois anos em 1926, quando este amigo, junto a outro, também famoso esquadrista, veio me dizer para me inscrever no Fascio; (...) “agora cabe a

¹⁴Nesse texto, redigido em 1960, Cantimori apresentou algumas de suas memórias que se misturavam com a trajetória do ilustre historiador italiano F. Chabod, que falecera naquele ano. Nele, Cantimori deixou patente a ligação entre sua adesão ao PNF e as reflexões idealistas atualista. Dessa maneira, das suas relações com seu amigo F. Chabod emergia “a recordação das primeiras leituras mazzinianas, que é associado na memória a discussões sobre o princípio de autoridade em Mazzini, à leitura dos *Profeti del Risorgimento* de Gentile, e aos discursos dos amigos de escola republicanos que discutiam sobre a tendência republicana do fascismo (a qual, diziam, haver conduzido a cada modo a república) e ao romanismo carducciano.” (CANTIMORI, 1971, p. 285).

¹⁵“Dez anos atrás me preparava para o exame de normalista no jardim da casa de meu pai em Forlí. As paixões políticas do momento não me tocavam muito. Julgava as coisas com muita frieza. Do ponto de vista da razão política, me surpreendia com os escândalos de meu pai pelo assassinato de um membro do Parlamento, e depois me envergonhava por essa incompreensão. Parecia-me justo, isto é lógico, que um inimigo perigoso e acre deveria ser eliminado... A minha “política” consentia em aplicar os métodos do maquiavelismo vulgar à realização da “Politeia” platônica. Resíduos do nacionalismo patriótico da propaganda bélica, de atitude de intervencionismo republicano, motivos do movimento “combatentista” e lembranças do período de propagandista “fiumiano” fizeram sim com que no inverno em Pisa me declarasse fascista nas discussões entre normalistas. Queria me inscrever em 1924, durante o episódio Matteotti. Via no fascismo, sobretudo, e quase exclusivamente o programa de 1919: o monarquismo fascista me parecia um puro expediente político... Não obstante a insensatez herdada do ambiente político romagnolo, sentia junto à classe na qual vivia e na qual a escola me fazia pertencer e acolhia em mim, pelo sentimento, pelo impulso, com conceitos vagos e genéricos, os motivos do Fascismo de batalha.” (PROSPERI, 1992, p. XXI)

vocês homens de estudo; agora o fascismo não se faz mais com as bombas, se faz à mesa – eu, empurrado pelos velhos impulsos, pelas reflexões que em Pisa, meu verdadeiro centro de conhecimento e amizades, era por agora conhecido sem equívoco como fascista, e, sobretudo pelo argumento que encontrei certo e verdadeiro, e também me lisonjeava. Escutar dizer, assim, por aqueles jovens ousados que havia tantas vezes invejado e admirado pela coragem, força de decisão, liberdade de movimento, força. Aceitei me inscrever no Fascio, contestando, porém que o cartão fosse retrodatado, como me foi oferecido. (PROSPERI, 1992, p. XXII)

Na mesma passagem, Delio Cantimori veio a afirmar que, em meio ao turbilhão de ideias e leituras, a “filosofia de Croce, Gentile e Saitta” veio a organizar o seu confuso mundo mental (PROSPERI, 1992, p. XXI). Entretanto, durante seu exame de consciência, que prosseguiu depois da queda do fascismo e de todas as atrocidades vivenciadas na guerra, Cantimori sempre se responsabilizou pelos seus atos:

Não estou fazendo uma análise de como e do porquê me coloquei naquele caminho [fascista], nem quero dizer que a confusão que tinha na cabeça era culpa de Gentile, Croce, De Sanctis, Hegel, Mazzini, Gioberti, Gioacchino Volpe, Lutero, Burckhardt e Sorel. Não quero dizer que era culpa dos padres; antes de tudo, estas são genealogias que você escolhe e é ele o responsável; em segundo lugar, aquela mistura eu fazia, o enriquecendo com ingredientes sempre novos. (CANTIMORI, 1967, p. 139)

Contudo, naqueles anos de estudante em Pisa, o jovem realmente teve a oportunidade de fazer uma aproximação com os pensamentos desses filósofos, em especial, Giovanni Gentile, que, nesse período, lecionou História da Filosofia na *Scuola Normale*, e Giuseppe Saitta, professor titular da cátedra de filosofia na *Università di Pisa*, os quais ajudaram a reordenar tantas leituras e ideias joviais dentro do paradigma idealista atualista.

Cada qual com sua estima dentro do Estado Italiano, ambos compartilhavam das ideias fascistas e da perspectiva do idealismo atualista, refletindo sobre temáticas relativas ao imanentismo religioso, presente tanto nos projetos espirituais e políticos de personagens renascentistas quanto naqueles do *Risorgimento*, e influenciando diretamente a leitura de Delio Cantimori sobre a formação da Europa Moderna.

3. Giovanni Gentile e a formação idealista atualista de Delio Cantimori.

Durante os anos em que Delio Cantimori freqüentou os ambientes universitários de Pisa, o meio intelectual estava tomado pelo debate sobre o paradigma científico idealista atualista, incentivado pelo prestigiado diretor e professor Giovanni Gentile, intelectual o qual compôs a sua cúpula fascista responsável pela construção ideológica do partido e foi o primeiro a ocupar o cargo de *Ministro della Pubblica Istruzione*, sendo um dos mentores da reforma educacional fascista de 1923.

Como Delio Cantimori, o professor G. Gentile (1875 - 1944) teve sua formação ligada à *Scuola Normale Superiore di Pisa*, onde pode se aproximar do professor de teoria da filosofia Donato Jàja¹⁶ (1839-1914), com quem teve os primeiros contatos com os escritos do filósofo e historiador da filosofia, Bertrando Spaventa (1817 - 1883), personagem basilar na construção do pensamento idealista atualista gentiliano.

Por sua vez, B. Spaventa foi nominado professor na *Università di Napoli* por De Sanctis, em 1861, passando pela *Università di Bologna*, onde seus cursos deram origem às suas obras sobre o hegelianismo,¹⁷ o que o impulsionou a estudar a tradição filosófica moderna italiana sob a ótica historicista.

Como o próprio Cantimori afirmou, ao trabalhar o pensamento filosófico italiano, B. Spaventa não se preocupou com a filosofia nacional em seu senso estrito e nem considerou a Itália um território geográfico limitado. Para o filósofo, o importante era entender como a filosofia italiana se posicionava no diálogo com o universo europeu. (CANTIMORI, 1971, p. 447)

Seu patriotismo se manifestou como um evento crítico de exploração da vida cultural italiana em busca das origens espirituais e da nova filosofia italiana, a qual se acumulou e permeou o Renascimento, denominado, também, na linguagem romântica de Spaventa, como *Risorgimento*.

Dessa maneira, B. Spaventa moveu-se no centro da História da Filosofia, colocando o Renascimento como a aurora da Revolução Filosófica italiana, por meio da qual os filólogos humanistas teriam quebrado a distância entre o povo e os literatos e combatido os valores medievais. Aos seus olhos, este episódio fez com que a ciência e as letras res-

¹⁶Donato Jàja foi professor de teoria da filosofia em Pisa, seguiu o pensamento hegeliano de Bertrando Spaventa e teve como principais obras *Dell'apriori nella formazione dell'anima e della coscienza*, *Ricerca speculativa*, *Teoria del conoscere*, entre outras.

¹⁷Os livros de B. Spaventa foram reeditados por G. Gentile: *Le prime categorie della logica di Hegel* (1863), *Principi di filosofia* (1867), com o título *Logica e metafisica*, e *Frammento inedito*, intitulado *Riforma della dialettica hegeliana* (1913).

tabelessem o poder laico, formando um sistema de Estados que deram uma unidade à vida particular das nações até então inexistentes. (CANTIMORI, 1971, p. 447)

Sendo a maior expressão do mundo moderno, o Renascimento representou o momento em que a cultura italiana atingiu essa unidade, mas teve sua maturidade freada pela restauração católica da Contrarreforma, através da qual a separação entre leigos e sacerdotes foi resgatada e o poder religioso reforçado.¹⁸ (CANTIMORI, 1971, p. 448)

Foi dentro desses preceitos teóricos hegelianos, que Giovanni Gentile desenvolveu suas reflexões sobre religiosidade, política e formação ética e moral do povo, inserindo-as no mesmo debate sobre a história da filosofia moderna italiana, que retrata um arco de relações temporais entre Renascimento, *Risorgimento* e Fascismo. Ali, o pensamento atualista gentiliano constituiu sua própria identidade no universo filosófico italiano e veio a influenciar uma geração de estudantes, tendo, entre eles, Delio Cantimori.

Por sua vez, G. Gentile teria dado um passo interpretativo dentro desse debate de B. Spaventa. No juízo de Gentile, influenciado e superando o Renascimento e o *Risorgimento*, o Fascismo teria materializado a tão esperada Revolução em que o povo italiano pôde se elevar moral e civicamente e aproximar-se dos preceitos científicos e literários das elites intelectuais, tornando-se participantes conscientes do processo político como nunca antes visto na história italiana.

Nesse contexto, o Idealismo atualista, com seu requinte religiosamente político de união entre fé e ação transformadora do homem, teve o papel de filosofia impulsionadora do homem na superação da religião e da realidade dialética, defendida por outros filósofos idealistas, ao portar o ser humano a uma realidade transcendental somente presente no ato puro, no qual se harmonizam ideia e ação, fé e atitude política.

Delio Cantimori entrou em contato exatamente com estas ideias no início da sua trajetória intelectual e política, sendo estimulado pelas reflexões sobre a relação entre crença religiosa, o imanentismo humanista e a política e os problemas de história da consciência italiana relacionados à analogia entre Renascimento, *Risorgimento* e a Revolução Fascista.

¹⁸Delio Cantimori afirmou que o Renascimento e a Reforma são tratados por Spaventa como dois aspectos de uma única revolução filosófico-espiritual, onde o primeiro se manifestou como protesto na Itália e o segundo como reforma em outros países. Assim, o conceito de Renascimento é enquadrado na história geral da filosofia, de maneira equivalente ao conceito de Reforma, que é alargado ultrapassando os limites eclesiais e atingindo uma importância no campo da história do pensamento. (CANTIMORI, 1971, p. 450)

Desde quando terminava sua formação no Ensino Médio Clássico, Cantimori já tinha estudado as seguintes obras gentilianas: *I Profeti del Risorgimento Italiano*, na qual Gentile retratou a trajetória e a concepção religiosa da política de Gioberti, Garibaldi e, principalmente, de Giuseppe Mazzini, interpretados como homens que captaram a necessidade da fé religiosa para dar base à ação política coletiva de renovação moral italiana e unidade aos esforços individuais; e *Discorsi di religione*, na qual apresentou o problema político, filosófico e moral relacionado à concepção de religiosidade.

Outra obra de Gentile que teria influenciado diretamente o início dos estudos do jovem romagnolo sobre os hereges italianos do *Cinquecento* e a sua importância na formação da consciência italiana foi *Giordano Bruno e il pensiero del Rinascimento*.

Nela, o filósofo italiano defendeu o resgate e a divulgação da representação imaginária de Giordano Bruno como um mártir nacional, expoente da filosofia renascentista, que morreu por sua fé e ação coerentemente com seus ideais, mesmo perante a opressão religiosa da Igreja contrarreformadora. (GENTILE, 1920, p. 9.)

Entretanto, é provável que Cantimori tenha se interessado por escritos estritamente teóricos naqueles anos em que frequentou o ambiente universitário pisano. Segundo Pertici, em uma correspondência na qual o intelectual agradeceu a oportunidade de ter sido o responsável pela revisão tipográfica da obra *Teoria Generale dello spirito come atto puro*, Cantimori rememorou sua primeira leitura de um dos mais importantes trabalhos teórico-metodológicos do seu professor.

Em uma pausa do trabalho, [afirma Cantimori] me pus a foliar a minha cópia da segunda edição *Spoerri*; e encontrei a data da minha primeira leitura da *Teoria dello spirito*: em dezembro de 1924; e me encontrei a recordar a agitação e o entusiasmo daquela leitura, o fervor do pensamento e do trabalho que essa [leitura] me despertou. (PERTICI, 1997, p. 21.)

O professor G. Gentile lançou as bases dessas reflexões sobre o idealista atualista no seu artigo *L'atto del pensiero come atto puro*, publicado em 1912, que seria aprofundado em seu curso do ano letivo de 1915 e 1916, apresentado na *Università di Pisa*, dando origem ao livro *Teoria Generale dello spirito come atto puro*.

Nessa obra, Gentile expôs o pensamento religioso de George Berkeley, que nega a existência da realidade fora do campo ideal humano, o qual estaria imerso na mente absoluta e transcendental de Deus, local onde o ser pensante é incapaz de promover uma inovação para além do âmbito desse pensamento divino. (GENTILE, 1987, p. 4-6)

Ainda nessa mesma obra, Gentile saiu em defesa de Emmanuel Kant como precursor do idealismo moderno, ao constituir, dentro do universo humano, uma interpretação que distinguiu o Eu Empírico, dotado de um pensamento finito, e o Eu Transcendental, caracterizado pela sua universalidade infinita, portanto, sendo o verdadeiro eu pensante.¹⁹

Dando sequência às suas ideias, Gentile expandiu sua problematização do espírito, na sua unidade transcendental e na multiplicidade empírica, como desenvolvimento, ao tratar das análises dialéticas do ato de pensar. (GENTILE, 1987, p. 39)

Para isto, partiu da abordagem de duas categorias: a dialética do pensamento pensado e a dialética do pensamento pensante. A primeira se ligou à corrente de interpretação platônica, em que o exercício dialético se tornou caráter intrínseco da realidade, na qual se porta como pressuposto do seu desenrolar. A segunda se aproximou do pensamento de Kant, defendendo que todo o pensável pressupõe o ato de pensar no devir, de maneira que a dialética transforma o processo real em história do pensamento. (GENTILE, 1987, p. 43 - 44)

Desse debate, G. Gentile enveredou-se para a análise do pensamento dialético hegeliano e da sua afirmativa de que não poderíamos conceber dialeticamente o real se não imaginarmos o real como pensamento.

Assim, segundo o autor, para Hegel, o intelecto idealiza as coisas abstratas analiticamente através da razão que concebe o espírito e entende toda a pluralidade das coisas na unidade do espírito. Dessa maneira, Gentile afirmou que, nesse caso, a dialética ainda se tornou uma lei arquetípica do pensamento em ato e seu ideal e pressuposto. (GENTILE, 1987, p. 54)

Sumariamente exposto o debate no qual G. Gentile se imergiu, podemos entender melhor sua defesa de uma releitura do idealismo alemão, em especial do hegelianismo, ao propor o espírito como ato puro. Portanto, em suas palavras:

O ponto de vista transcendental é aquele que se capta na realidade do nosso pensamento quando o pensamento se considerou não como ato realizado, mas, por assim dizer, quase ato em ato. Ato, que não se pode absolutamente transcender, porque ele é a nossa própria subjetividade, isto é, nós mesmos; ato, que não se pode nunca e em nenhum modo objetivar. (GENTILE, 1987, p. 8)

¹⁹A defesa da primazia de Kant foi fruto da consideração de que o filósofo alemão ultrapassou a concepção antiga ao reforçar o poder de criação do espírito humano desses âmbitos de pensamento transcendental e empírico. (GENTILE, 1987, p. 7).

O pensar, como ato, não pode se transcender, porque somos nós mesmos, nossa subjetividade, que, de maneira alguma, pode ser objetivada; não podemos nos distanciar do nosso próprio ato de pensar. Para Gentile, conhecer a realidade espiritual é assimilá-la em nós mesmos, pois somente no campo interior pode ser solucionada. O objeto se resolve no sujeito. (GENTILE, 1987, p. 14)

Não obstante, para além da formação intelectual idealista atualista de Cantimori, o professor Gentile também teve vital importância na trajetória profissional de seu pupilo romagnolo. O filósofo ajudou na primeira contribuição cantimoriana junto à *Enciclopedia Italiana*, dedicada aos reformadores, enquanto o jovem intelectual iniciava sua colaboração na revista “Leonardo” e na editora Sansoni, ambas dirigidas pelo seu filho, Federico Gentile. (OSTENC, 2009, p. 22)

Com a interferência de G. Gentile, em 1934, Cantimori começou a trabalhar como redator dos *Studi Germanici*, do *Istituto Italiano di studi germanici di Roma* – órgão de cultura o qual o filósofo siciliano foi fundador e presidente – e, dois anos depois, foi convocado por G. Gentile para dar aulas de História do Cristianismo na faculdade de Roma, (OSTENC, 2009, p. 22) onde permaneceu até 1939.

Naquele ano de 1939, Cantimori obteve o segundo lugar em um concurso para professor universitário, destinado à cátedra de História na *Università di Urbino*, conseguindo ser nomeado professor titular, na *Facoltà di Magistero di Messina*. (SIMONCELLI, 1994, p. 109 - 110)

Ali permaneceu por apenas um ano letivo, já que, após o envio de diversas cartas à Giovanni Gentile alegando sua insatisfação com a falta de bibliotecas para o desenvolvimento dos seus estudos, o influente professor retribuiu a amizade e a confiança engendrando uma maneira de inserir seu pupilo no ambiente pisano, junto à *Scuola Normale*.²⁰ (SIMONCELLI, 1994, p. 111-113)

Não obstante, no complexo contexto político do início dos anos de 1940, posicionando-se de forma tolerante ou omissa em relação ao assunto das diversas iniciativas clandestinas pisanas comunistas, Delio Cantimori – que já havia se decepcionado com o

²⁰Na *Scuola Normale*, Cantimori permaneceu lecionando durante quase toda sua carreira acadêmica em diante. Entretanto, em 1948, transferiu-se para a cátedra de História Moderna da *Facoltà di Lettere* de Pisa, devido a problemas burocráticos, falta de professores e ao desejo de G. Gentile em aproximar as relações entre a *Normale* e a Universidade. (SIMONCELLI, 1994, p. 120-122) No ano de 1951, Cantimori transferiu-se para a *Università di Firenze*. (MICCOLI, 1970, p. 339-374)

governo de Mussolini e apoiava as atividades ilegais de integrantes do PCI – substituiu Arango-Ruiz, no cargo de vice-diretor da *Normale*, mantendo o silêncio ou minimizando as denúncias. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 75)

Insatisfeito com o ambiente de trabalho e com os conflitos políticos, o intelectual romagnolo voltou a almejar um retorno a Roma, já no final de 1942, revelando sua decisão de deixar Pisa:

Todo o mundo da juventude acabou. Acabaram as esperanças, acabaram as ambições, acabaram os sentimentos, acabou a nostalgia daqueles anos. O ciclo foi concluído (...) – permanecem recordações e esquemas na mente, dos quais devo libertar-me escrevendo recordações. As palavras de Baglietto me mostraram como todo aquele mundo acabou; também as palavras de Capitini (...) acabaram de me machucar e de me fazer enxergar amargamente o meu passado e todo aquele complexo de sentimentos que tenho pela *Normale*. É uma falência. É a falência de um ideal de elite sobre a qual havia projetado qualquer coisa de *Orden* e de *Korps*. Acabou o tempo dos *Lehrjahre* e dos *Wanderjahre*. É amargo pensar isto. Quantas experiências destruídas! É o final das ilusões e da juventude. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 75-76)

Como de costume, G. Gentile ajudou na sua transferência, mas o desenrolar da guerra arruinou o projeto cantimoriano. Abalado pela queda de Mussolini, Gentile empenhou-se na tentativa de salvaguardar a *Normale*, pedindo que Cantimori voltasse para Pisa, no intuito de tomar o cargo de vice-diretor e, logo depois, presidir a instituição. (SIMONCELLI, 1994, p. 152)

Entretanto, Cantimori negou empenhar-se na batalha pela defesa da instituição, ocupando o antigo cargo de vice-diretor. Todavia, mesmo alegando, por diversas vezes, estar sofrendo de problemas de saúde e necessitar de repouso, sua transferência foi anulada e o romagnolo teve que retomar os trabalhos em Pisa.

Nesse contexto, o filósofo siciliano enviou uma carta ao novo *Ministro della Pubblica Istruzione*, Leonardo Severi, pedindo a nomeação do intelectual romagnolo como vice-diretor da *Normale*, devido à má condição de saúde de Arango-Ruiz. Entretanto, sua resposta foi pública e áspera, negando qualquer indicação de um fascista como Gentile.²¹ (SIMONCELLI, 1994, p. 152)

²¹O diretor viu sua autoridade abalada e sem uma saída para seus projetos de resistência fascista, então pediu demissão da *Scuola Normale*, logo após as declarações de Leonardo Severi. Por sua vez, Giovanni Gentile amargou o desfecho de sua vida ao ser assassinado, em abril de 1944.

4. Giuseppe Saitta, o imanentismo e os estudos históricos de Delio Cantimori.

A inquietação espiritual da escola de Saitta se refletiu imediatamente na atenção direcionada para argumentos quase ignorados pela cultura italiana. Contra a desconfiança dos mesmos ensinamentos, aqueles jovens puseram-se a pesquisar a história do pensamento religioso do Renascimento nos escritores da imigração protestante italiana. Viam neles a redenção da acusação de escasso vigor moral que pesa sobre o mundo intelectual italiano do Renascimento. Viam homens que haviam afrontado problemas sempre ainda abertos na vida espiritual italiana, e dolorosamente abertos. A mesma desconfiança e o mesmo erro oficioso de historiadores, das diversas tendências confessionais, em relação às extraordinárias opiniões daqueles escritores italianos, os faziam esperar resposta, riqueza e pensamento sem preconceito, os induziam a buscar reconstruir este lado demasiadamente negligenciado da nossa história moral. Dos estudos sobre o Renascimento de Gentile e de Saitta voltávamos a De Sanctis, aos quais os problemas éticos eram tanto afins a eles e dali partiam. (CANTIMORI, 1991, p. 132)

Nessa passagem da sua resenha sobre o livro *Spinoza e due antecedenti italiani dello spinozismo* do amigo Fausto Meli, Delio Cantimori resgatou o ambiente no qual amadurecia suas primeiras leituras voltadas para os homens renascentistas, vinculando-se a uma tradição de pensamento italiano e europeu, que propunham resolver problemas de história da consciência italiana.

Inserido na corrente de pensamento atualista, Giuseppe Saitta (1881 – 1965) foi outro importante professor de filosofia de Delio Cantimori, durante sua graduação em Filosofia da História, na *Università di Pisa*.

Por sua vez, Giuseppe Saitta teve a carreira de docente iniciada nas escolas estaduais e continuada nas universidades de Cagliari, Pisa e Bolonha. Anteriormente, fazia parte do meio clerical, do qual se distanciou após uma crise de consciência em relação ao pensamento religioso da Igreja Católica, encontrando nos preceitos teóricos da filosofia idealista gentiliana e seu imanentismo uma saída espiritual pessoal.

Impulsionado pela afinidade que sentia com o ambiente profissional da escola filosófica de Saitta, (CANTIMORI, 1991, p. 131) Cantimori reforçou seu contato com o professor e então diretor do periódico *Vita Nova*, ao colaborar com o órgão de cultura fascista, entre 1927 e 1932.

Entre artigos, ensaios e notas, Delio Cantimori fez vinte e quatro publicações na revista, abordando questões particularmente importantes para os intelectuais fascistas

em meio às incertezas daqueles anos. De forma propagandista, escreveu sobre os movimentos nacionalistas conservadores alemães e também se voltou para assuntos internos da Itália, como as interpretações clericais e reacionárias do fascismo, o valor humanístico e imanentista do atualismo filosófico, o sistema corporativista e a importância da Itália naquele delicado momento europeu de crise das democracias e de ascensão e consolidação dos regimes autoritários.

Autor de obras como *La scolastica del secolo XVI* e *La politica dei Gesuiti, Lo spirito come eticità, L'educazione dell'umanesimo in Italia, Il pensiero di Vincenzo Gioberti e Marsilio Ficino e la filosofia dell'umanesimo*, Giuseppe Saitta também se inseriu no tradicional debate da historiografia italiana sobre a relação entre Renascimento, *Risorgimento* e o contexto atual italiano, no qual desenhou uma leitura imanentista sobre o Humanismo como o movimento filosófico no qual se encontrava a identidade italiana.

Nesse âmbito, Saitta tinha pontos divergentes da leitura de G. Gentile e sua consonância com as críticas de F. De Sanctis sobre os homens de cultura renascentistas, os quais, na sua visão desanctiana e gentiliana, sofriam de um escasso vigor moral, que transformava suas reflexões em atividades abstratas, destituídas de uma verdadeira ação política transformadora voltada para a formação da consciência nacional italiana. (CANTIMORI, 1927, p 241)

Dessa maneira, ainda que seguisse os preceitos teóricos da filosofia idealistas atualista, Giuseppe Saitta se contrapunha ao juízo negativo gentiliano do Renascimento como um movimento puramente estético, desenhando uma leitura imanentista do Humanismo como o movimento filosófico, no qual se constituiu o “berço da consciência italiana”. (SAITTA, 1954, p. VII)

Como reforçou Delio Cantimori, para Saitta, o Humanismo carrega consigo um problema moral, cujas necessidades novas desenvolveram um homem novo e ativo, cidadão que atua com suas forças na sua formação e na sua cultura e que tem a História como pedestal da sua concreta liberdade atingida, integralmente, apenas por meio da constituição da nação. (CANTIMORI, 1927, p 245-247)

No prefácio da primeira edição de sua obra sobre Ficino, o professor Saitta lançou a seguinte proposta:

Este meu volume propõe demonstrar como da filosofia de Marsílio Ficino, que assinala a mais profunda enunciação da ciência do homem, se deve partir para entender a corrente religiosa da Reforma e a corrente filosófica do Renascimen-

to. A revolução religiosa e a revolução filosófica, que, algumas vezes, se desdobram no período do Renascimento, uma em oposição à outra, e têm uma raiz comum, que é representada pelo pensamento elevado de Ficino, não entendido adequadamente por estrangeiros e pelos nossos próprios historiadores e filósofos. (SAITTA, 1954, p. VII)

Como assinalou este fragmento, nesse livro, Saitta construiu uma leitura sobre Marsílio Ficino como o símbolo humanista da ruptura europeia em relação ao obscuro e ultrapassado pensamento medieval, através das suas traduções de autores da antiguidade, estudos e reflexões neoplatônicas.

Segundo Saitta, a vanguarda do filósofo italiano humanista sobre a revolução filosófica do Renascimento e a revolução religiosa da Reforma, faz de seu pensamento neoplatônico o divisor de uma era na qual se encontravam a tradição original e a consciência espiritual italiana, mas que não foi captada devido à submissão da intelectualidade italiana aos juízos dos estudiosos estrangeiros. (SAITTA, 1954, p. VII)

Isto fica muito claro no decorrer de seu livro *Marsilio Ficino e La filosofia dell'umanesimo*, no qual não economizou argumentos para eleger o neoplatonismo ficiniano como gênese das transformações da Idade Moderna que nasceram na Itália e que, através da fama e divulgação de suas obras, atingiram outros países, como França e Alemanha. (SAITTA, 1954, p. 5)

O professor de Cantimori ressaltou a originalidade da síntese do pensamento de Ficino, que, na sua interpretação, teria enxergado os ensinamentos cristãos ligados aos diálogos de Platão e às reflexões dos neoplatônicos, fazendo do filósofo grego a quintessência do cristianismo. (SAITTA, 1954, p. 51-52)

Portanto, foi no âmbito do julgamento sobre a importância do Renascimento na história italiana, que emergiu a importância do pensamento de G. Saitta na construção da interpretação de Delio Cantimori sobre a relação entre Humanismo, Renascimento e a formação ético-moral do povo italiano.

Esta questão tornou-se uma problemática de interpretação histórica que permeou os primeiros artigos acadêmicos de Delio Cantimori, os quais tomaram como fio condutor o exame dos projetos de homens que – no juízo do estudioso romagnolo – compartilharam, defenderam e praticaram uma religiosidade laica imanente, pautada na ação política concreta de transformação da estrutura social e mental, mas que tiveram seus planos de libertação espiritual reprimidos por atitudes conservadoras reformadoras das igrejas: seja o conspirador Boscoli, o cavaleiro e teólogo alemão Ulrico von Hutten ou

Bernardino Ochino e os demais heréticos a todas as confissões, perseguidos pela Igreja, que viriam a habitar as páginas de seu livro *Eretici italiani del Cinquecento*.²²

5. Reflexões sobre Política, Estado e Fascismo no caso Baglietto.

Após os anos de estudos e especialização na *Scuola Normale*, Delio Cantimori reencontrou o colega Claudio Baglietto em Basileia. O amigo também havia ganhado uma bolsa de estudos para seguir os cursos de Heidegger, em Friburgo.

Sob a responsabilidade de cumprir suas obrigações militares junto ao Estado fascista, após sua convocação para o alistamento no exército, o pacifista e antifascista Baglietto havia decidido não retornar para a Itália, como forma de resistência à participação no regime de Mussolini. (MANGONI, 1991, p. XXIX)

Este posicionamento reativou e alimentou uma importante discussão epistolar entre Cantimori, Baglietto e Aldo Capitini, com participação de Varese e Ragghianti, cujo ponto central dos debates se encontrava novamente sobre as suas diferentes concepções de religiosidade, política, ética e Estado, sempre relacionadas com a situação fascista italiana.

Naquele momento particular do início dos anos 30, Delio Cantimori constatava o progresso da concepção reacionária do fascismo e encontrava, na ideia de Estado ou na sociedade ética, uma saída alternativa para permanecer fascista. Esta atitude o impulsionava a viver ativamente a política e estudar o corporativismo sempre mais profundamente, refutando posicionamentos como os de Baglietto e Aldo Capitini, que, em sua leitura, estavam pautados em motivações espirituais religiosas. (MANGONI, 1991, p. XXIX-XXX)

Na tentativa de persuadir seu amigo a retornar para a Itália, Delio Cantimori se desapontava com a visão dos colegas em condenar a história e a política e “sua absorção na religião, que por sua vez não é religiosidade, mas religião precisa”. (MANGONI, 1991, p. XXIX) Na visão de Cantimori,

A religiosidade pode muito bem não ser vaga, quando for sentimento que permeia toda atividade de pensamento e ação de uma pessoa, mesmo que se mani-

²²No seu artigo sobre Boscoli, Cantimori ainda buscou se embasar tanto na concepção de realidade estética gentiliana, na qual o espírito renascentista se concretizava como imitação da antiguidade, quanto na consciência histórica dos humanistas, defendida por Saitta, como o pedestal da concreta liberdade e berço da nação italiana. Nos demais textos, sobre Ochino e Hutten e nos *Eretici*, se vê despontar personagens radicais, tipicamente saittianos, dotados de discursos extremistas e atitudes permeadas pelo senso de humanidade divina, liberdade e a imanência de suas paixões e glórias que os levaram a ser mal interpretados pela geração renascentista e reformadora.

festem em formas específicas somente em momentos específicos raríssimos (...) depois, vi a qual extremo leva uma concepção extrema da religião e desconfio por instinto dos extremos, em geral, e em particular, sou convencido que para o dever ser não pode negar o ser, senão teoricamente. (MANGONI, 1991, p. XXIX-XXX)

Em contraposição, Capitini reconhecia a coerência dos atos do colega exilado em uma correspondência de primeiro de setembro de 1932, que foi redirecionada a Delio Cantimori por Claudio Baglietto, junto a uma reafirmação de sua posição de não voltar para a Itália para participar dos serviços militares fascistas. (MANGONI, 1991, p. XXX)

Aldo Capitini não somente apoiou a escolha, como se demonstrou empenhado em favorecer a discussão com os alunos normalistas sobre a desarmonia entre valores éticos fundamentais, como a autonomia individual, e a política do governo de Mussolini, tomando como exemplo a escolha de seu amigo pelo exílio político. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 59)

Relativamente confuso perante as questões colocadas por Capitini e Baglietto, Cantimori permanecia entre uma autoanálise de consciência e as críticas ao posicionamento religioso dos amigos perante as questões políticas. Dessa maneira, em sete de outubro de 1932, enviou uma carta com as seguintes afirmativas:

Sente-se nos seus escritos um tom apocalíptico que perturba. Acredito que atingirão rápido um maior equilíbrio e uma visão mais serena das coisas, também fora da religião. Reconheço a coerência religiosa de vocês; não posso compreender as suas ideias políticas. Na política é necessário agir, é questão de ação e força. Nesse campo é necessário calcular e levar em conta as responsabilidades não perante Deus, mas perante as dores humanas que se arranjam. (MANGONI, 1991, p. XXXI)

Em outras correspondências, Cantimori confrontava a posição de Baglietto e o antifascismo militante de Capitini, ressaltando a necessidade de mais “ceticismo contra si próprio”. (MANGONI, 1991, p. XXXI)

Não obstante, apesar das discordâncias, a escolha de Baglietto paulatinamente se apresentava a Cantimori como exemplo de coerência moral, fazendo com que o debate alimentasse cada vez mais sua descrença em relação ao reacionarismo dos grupos que vinham ganhando espaço no Estado fascista.

Suas acusações da falta de sentido realista moderno das concepções políticas de Capitini e Baglietto e a sua defesa da política como questão ligada à ação e à força come-

çaram a dar espaço para uma leitura do Estado como fator necessário para ordenar a expressão da comunidade política. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 59)

Em uma carta enviada ao colega normalista Varese, em dezoito de novembro de 1932, Cantimori explicitou sua concepção de Estado como fator necessário para racionalizar os entusiasmos dos homens.

Ao contrário da compreensão religiosa e entusiástica de Capitini e Baglietto, na visão do intelectual romagnolo, o Estado deveria ser preservado como uma instituição de valor prioritário, enquanto se funda na adesão racional do indivíduo, sem envolver os sentimentos ou quaisquer outros fatores irracionais que pudessem constituir um perigo para a ordem social. A política seria necessária como força racional responsável por transformar os instintos e as paixões espontâneas em energia de criação de uma nação. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 60)

Em contrapartida, dentro dessa perspectiva, Cantimori reforçava sua leitura da época como um período de conflitos religiosos, assim como aprendido nas suas leituras e contatos com a cultura alemã e o pensamento teológico de F. Barth.²³ Tanto a posição de Baglietto quanto a de defesa de Capitini eram interpretadas como produto secundário de uma religião e não poderiam ser aceitas como base de uma ação política. (MANGONI, 1991, p. XXXII)

O mesmo Cantimori que participava desse debate, também fazia leituras incitantes sobre o nacional-socialismo, o nacional-bolchevismo e sua força capaz de movimentar as massas e formar uma nação alemã, mas se preocupava cada vez mais com as transformações que o regime de Hitler vinha sofrendo. Observava a falência do projeto do Estado Corporativo ético fascista e o aparelhamento do regime em um sistema mais engessado internamente e isolado internacionalmente. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 57-58)

²³Segundo Delio Cantimori, Karl Barth foi o idealizador do movimento mais fecundo de reação teológica ao laicismo “liberal” do mundo alemão, responsável por abrir sua percepção em relação à teologia como chave interpretativa da então intolerante e “contrarreformatora” política alemã nazista. (CANTIMORI, 1991, p. 203). Nas palavras de Cantimori: Um ponto para não esquecer é a presença da teologia na vida cultural alemã: presença imediata, insistente e excitante. E essa presença não deve ser entendida como atividade de poucos, para poucos, ocupada de difíceis e abstratos problemas. Ao invés, é vasta e tão, diremos nós, oprimente, que muitos, para escapar dela, recorrem não à superação filosófica, mas à heresia, à seita e à formação teológica contraposta à formação teológica. Caso refletirmos bem sobre isto, pode-se ter também uma sensação mais precisa daquilo que queria dizer o iluminismo com a sua ideologia da barbárie medieval, do obscurantismo medieval. Para a mentalidade teológica, é naturalíssimo queimar livros, perseguir as ideias, esperar do Alto o advento do *Tertium Imperium*, do *Tertium Renum*, e observar com absoluto desprezo o resto do mundo, acreditar na “Missão”, na “Vocação” transcendente, confundir o ser entendido com o ser obedecido, e assim por diante.” (CANTIMORI, 1991, p. 202)

O intelectual romagnolo também assistia aos fascistas mais preocupados com a renovação da classe dirigente, denunciando o fim do entusiasmo das bases fascistas e o oportunismo das elites que apoiavam a orientação da política para o imperialismo, o pacto com o nacional-socialismo e as leis raciais e antisemitas, junto à guerra contra as democracias, sem realizar nada de concreto para mudar esta postura do governo de Mussolini. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 58)

Entrelaçado a essas questões de políticas internas e internacionais, o intelectual romagnolo vivenciou, em 1940, a conclusão da traumática saga de seu amigo normalista antifascista, Claudio Baglietto, no seu esforço moral de não participação do regime fascista.

Segundo as lembranças de Werner Kaegi, Claudio Baglietto viveu, em Basileia,

alguns anos em grande pobreza e com a alma angustiada. Ganhava a vida dando aulas de italiano, miseravelmente pagas. Morreu ainda jovem, não por indigência, mas de nostalgia e de isolamento. Retornar à Itália era-lhe proibido e se preparava para emigrar para o Brasil. Um amigo de Basileia colocou sobre sua tumba um epitáfio feito a partir de um ilustre monumento de Salerno: "*Dilexi iustitiam, odi iniquitatem, propterea morior in exilio*". Quando Cantimori veio a Basileia para estudar a história dos exilados do século XVI, a primeira coisa que fez foi visitar a tumba de Baglietto, no cemitério basileense "*am Hörnli*". (KAEGI, 1967, p. 887)

O tormento dessas reminiscências teria deixado uma forte mácula na vida de Delio Cantimori, que, ainda em vida, influenciou diretamente o posicionamento político cantimoriano sobre o fascismo e os eventos políticos que se estenderam durante a década de 1930, quando, paulatinamente, se distanciara do Fascismo e do idealismo atualista.

6. Considerações finais.

Direta ou indiretamente, os mesmos incentivos recebidos pelos seus estudos idealistas sobre a formação da Europa Moderna, tutelados pelo governo fascista e seus influentes intelectuais, que teriam atraído Delio Cantimori e dado base para sua formação intelectual, também tiveram participação no afastamento do intelectual romagnolo das atividades político-propagandistas fascistas e do arcabouço teórico-metodológico gentiliano.

Com a ascensão do fascismo, o governo de Mussolini havia promovido diversas transformações no campo educacional e cultural, as quais também atingiram os estudos históricos italianos. Com o intuito de solucionar as deficiências e desenvolver esta área de conhecimento, o regime fascista criou a *Scuola Storica* de Roma, que permaneceu sob a influência e direção de G. Volpe, entre 1926 e 1943.

Como afirmou G. Volpe, naquele período, existiam duas grandes preocupações relacionadas ao conhecimento histórico: a implantação de uma reforma da escola e dos estudos históricos ao nível universitário e a necessidade de internacionalizar os trabalhos para ampliar os contatos e experiências italianas, com o intuito de abordar temas e métodos em voga no campo científico mundial. (MIOZZI, 1982, p. 7-9)

Trabalhando dentro da ideia de internacionalização do conhecimento histórico italiano, G. Volpe logo demonstrou apreço pelas pesquisas que Delio Cantimori vinha desenvolvendo na Suíça, após ter recebido uma primeira bolsa de estudos no exterior, que lhe rendera a oportunidade de pesquisar e frequentar cursos em Basileia, entre dezembro de 1931 e julho de 1932, quando encontrara Baglietto.

Como consequência, o influente historiador conseguiu uma nova bolsa de estudos para Delio Cantimori, a qual deu a oportunidade de expandir suas pesquisas pela Europa, passando por bibliotecas e arquivos de diferentes cidades estrangeiras como Zurique, Cracóvia, Berna, Paris, Dublin, Viena, Breslávia, Alexandria e Londres.

Nessa empreitada, entre viagens, leituras e pesquisas sobre os hereges italianos do *Cinquecento* – alvos das perseguições religiosas e da ação conservadora contrarreformadora – Cantimori se abria para a importância da tolerância como ponto essencial do pensamento moderno e primeiro ato de ascensão espiritual, ético e moral do povo italiano para a formação de uma nova sociedade racional e laica.

Identificava em Lorenzo Valla o grande responsável por afrontar questões teológicas com a pura razão, sem necessariamente distanciar-se da cultura religiosa bíblica, permanecendo no mesmo campo dos seus adversários religiosos e se posicionando como homem de cultura contra os homens da Igreja nas questões teológicas. (MIOZZI, 1982, p. 6)

Delio Cantimori também conheceu Karl Barth, que – no juízo do pesquisador italiano – teria sido o idealizador do “movimento mais rico e mais fecundo, mais energético e mais decidido de reação teológica ao laicismo “liberal” (positivista-iluminista)” do mundo alemão, responsável por abrir sua percepção em relação à teologia como chave

interpretativa da então intolerante e “contrarreformadora” política alemã nazista. (CANTIMORI, 1991, p. 203)

Dessa maneira, Delio Cantimori captava a importância política da filologia, a qual se tornou pressuposto para uma revolução do pensamento e uma condição necessária para a reconstituição ético-política daqueles homens da reforma religiosa e que poderia ser aplicada na atual situação europeia, perpassada pelo irracionalismo e pela intolerância política da Alemanha nazista e da Itália fascista.

Foi nesse momento que, na interpretação de Cantimori, o projeto fascista de formação civil do povo italiano se exauriu, dissolvendo sua essência original de religiosidade laica europeísta e seu projeto de organização socioeconômica corporativista. Por sua vez, o romagnolo se abria para uma concepção de política como força racional necessária para transformar as paixões em combustível para a formação de uma nação.

Dessa maneira, no final da década de 1930, o romagnolo concluía uma inflexão ideológico-interpretativa, aproximando, gradual e sorrateiramente, de representantes do Partido Comunista Italiano, instituição na qual depositou sua esperança em promover a esperada reforma social, através da implantação de um novo “sistema de verdade” capaz de portar os valores ético-morais de uma autêntica revolução espiritual racional e laica – isto a partir do concreto conhecimento filológico histórico-científico, em detrimento do paradigma filosófico idealista atualista.

Referências bibliográficas

- CACCAMO, Domenico. *Profilo di Delio Cantimori*. Nuova Storia Contemporanea. Le Lettere, 2001.
- CAMPIONI, G; BARBERA, S. Dalla filosofia alla storiografia: gli inizi di Delio Cantimori. (1922-1937) In: CAMPIONI, G; LO MORO, F; BARBERA, S. *Sulla crise dell'attualismo. Della Volpe, Cantimori, De Ruggiero, Lombardo-Radice*. Milano: Franco Angeli Editore, Milano, 1981. p. 37-144.
- CANTIMORI, Delio. Il caso del Boscoli e la vita del Rinascimento. *Giornale Critico della Filosofia Italiana*. Casa Editrice d'Arte Bestetti e Tumminelli, Milano-Roma, Vol. VIII, p.241-255. 1927.
- CANTIMORI, Delio. *Eretici italiani del Cinquecento e altri scritti*. Giulio Einaudi editore, Torino, 1992.
- CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea. Scritti (1927- 1943)*. 1º Ed. Cura di Luisa Mangoni. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1991.
- CANTIMORI, Delio. *Conversando di storia*. 1º Ed. Bari: Editori Laterza, 1967.
- CANTIMORI, Delio. *Storici e storia. Metodo, caratteristiche e significato del lavoro storiografico*. 1º Ed. Torino: Giulio Einaudi editore, 1971.
- CANTIMORI, Delio. *Il mio Liceo a Ravenna (1919-1922)*. In: *Ravenna. Una capitale. Storia, costumi, tradizioni*. Bologna: Alfa, 1965. p. 249-253.
- CHIANTERA-STUTTE, Patricia. *Res Nostra Agitur. Il pensiero di Delio Cantimori (1928-1937)*. Bari: Palomar, 2005.
- CHIANTERA-STUTTE, Patricia. *Delio Cantimori: un intellettuale del novecento*. Roma: Carocci, 2011.
- CILIBERTO, M. *Intelletuali e fascismo. Saggio su Delio Cantimori*. Bari: De Donato, 1977.
- D'ELIA, Nicola. *Delio Cantimori e la cultura politica tedesca (1927-1940)*. Roma: Istituto Storico Germanico di Roma & Viella, 2007.
- DINO, Messina. Cantimori. Ultimo intoccabile. In nome dell'ortodossia. *Corriere della sera*, 31, marzo, 2005. p.37.
- DINO, Messina. Il Cantimori segreto che nessuno può leggere. *Corriere della sera*, 1, aprile, 2005b. p.35.
- DI RIENZO, Eugenio. "Caro Prospero, è questo il vero Cantimori". *Corriere della sera*, 4, aprile, 2005. p.31.

- GENTILE, Giovanni. Discorsi di religione. 1^o Ed, 1920. In: GENTILE, Giovanni. *La Religione*. Firenze: Sansoni, 1965. p.277-446.
- GENTILE, Giovanni. *I Profeti del Risorgimento Italiano*. 4^o ed. Firenze: Sansoni, 1944.
- GENTILE, Giovanni. *Teoria generale dello spirito come atto puro*. 7^o ed. Firenze: Casa editrice le lettere, 1987.
- GENTILE, Giovanni. *Giordano Bruno e il pensiero del Rinascimento*. Firenze: Vallecchi Editori, 1920.
- KEAGI, Werner. Ricordo di Delio Cantimori. *Rivista storica italiana*. Napoli, anno LXXIX, n. 4, p. 883-901, dicembre, 1967.
- MANGONI, Luisa. L'Europa sotterranea. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. XIII-XLII.
- MICCOLI, Giovanni. *Delio Cantimori. La ricerca di una nuova critica storiografica*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1970.
- MIOZZI, U. Massimo. *La Scuola Storica Romana 1926-1943*. Consiglio Nazionale delle Ricerche, Roma, 1982.
- OSTENC, Michel. Cantimori e l'idealismo gentiliano. In: PERFETTI, Francesco, DI RIENZO, Eugenio. (Org.) *Delio Cantimori e la cultura politica del novecento*. Firenze: Casa editrice Le Lettera, 2009. p. 19-29.
- PERFETTI, Francesco. Introduzione. Delio Cantimori storico e maestro. In: PERFETTI, Francesco, DI RIENZO, Eugenio. (Org.) *Delio Cantimori e la cultura politica del novecento*. Firenze: Casa editrice Le Lettera, 2009. p. V-XI.
- PERTICI, Roberto. *Mazzinianesimo, fascismo, comunismo: l'itinerario politico di Delio Cantimori (1919-1943)*. Milano: Editoriale Jaca Book SPA, 1997.
- PROSPERI, Adriano. Introdurre. In: CANTIMORI, Delio. *Eretici italiani del Cinquecento e altri scritti*. Giulio Einaudi editore, Torino, 1992. p. XI-LXII.
- PROSPERI, Adriano. Ricordare Cantimori, o del cattivo uso dei centenari. *Belfagor*, Firenze, anno LX, n. 3, p. 213-216, maggio, 2005.
- PROSPERI, Adriano. A quel "Corriere della Sera" mancava un Dionisotti. *Belfagor*, Firenze, anno LX, n. 3, p. 349-351,
- PROSPERI, Adriano. Cantimori nazista e bolchevico: se è vero, fuori le prove. *Corriere della sera*, 17, aprile, 2005b.
- SAITTA, Giuseppe. *Marsilio Ficino e la filosofia dell'umanesimo*. 3^o edizione. Editoriale Fiammenghi & Nanni. Bologna, 1954.

SIMONCELLI, Paolo. *Cantimori, Gentile e la Normale di Pisa*. Profili e documenti. Milano: Ed. FrancoAngeli storia, 1994.

SIMONCELLI, Paolo. *Cantimori e il libro mai edito*. Il Movimento nazionalsocialista dal 1919 al 1933. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 2008.

SIMONCELLI, Paolo. Le sirene totalitarie che ammaliarono Cantimori. *Corriere della sera*, 9, aprile, 2005. p.35.